

O Irão está a matar a causa palestina

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 13 de maio de 2021

1. Nos últimos dias, ressurgiram violentos confrontos entre israelitas e palestinos. A violência, que começou em Jerusalém, emergiu ligada aos protestos por expulsões de palestinos na parte oriental da cidade e na zona contígua à mesquita de Al-Aqsa. Estendeu-se a outros pontos de Israel e aos territórios palestinos, em particular à faixa de Gaza, dominada pelo Hamas.

Mais uma vez, o Irão surgiu nos *media* como um estridente defensor da causa palestina. Durante o discurso no dia de Al-Quds, ou dia de Jerusalém, instituído em 1979 no fulgor da revolução iraniana, o actual Guia Supremo do Irão, o ayatollah Ali Khamenei, (des)qualificou Israel afirmando “não ser um país, mas uma base terrorista”. Quanto à imprensa oficial iraniana apresenta os islamistas-jihadistas do Hamas como um grupo de “resistência”.

Para além da tragédia e enorme sofrimento humano das populações palestinas, infelizmente bem real, há uma guerra por procuração em vários pontos do Médio Oriente. O programa nuclear iraniano é um desses pontos mais críticos. Os palestinos são meros peões nesse complexo jogo de alianças e de contra-alianças.

2. Desde a revolução islâmica de 1979, onde se instalou uma opressiva teocracia no Irão sob o comando do ayatollah Ruhollah Khomeini — substituindo a ditadura secular do xá Reza Pahlevi —, que o país se apresenta como um ardente defensor dos palestinos. Todavia, há substanciais razões para suspeitar da pura bondade e do altruísmo humanitário iraniano.

Independentemente de existirem iranianos genuinamente solidários com os palestinos (e certamente há muitos), para o Governo do Irão é um conveniente instrumento de política externa. Para os palestinos, é um apoio envenenado. Está a matar a causa palestina, especialmente onde esta tinha maior suporte: nos governos árabes. Vejamos como isso tem ocorrido, deixando, cada vez mais, os palestinos entregues à sua própria sorte e paradoxalmente favorecendo a linha dura, hostil à criação de um Estado palestino, do Governo da direita israelita de Benjamin Netanyahu.

3. É fundamental não perder de vista que, no âmbito do mundo muçulmano, a identidade religiosa é também política, ou seja, o religioso e o político raramente desfrinçam com clareza. Assim, o primeiro grande entrave do Irão à sua influência no exterior é ser um Estado xiita.

A linha sectária que separa sunitas de xiitas é uma fractura teológica e política, sendo uma linha maior de divisões (e conflitos) no Médio Oriente contemporâneo. O islão, no seu todo, é esmagadoramente sunita — 85% ou até mais — pelo que o xiismo iraniano apenas tem um canal influência natural em cerca de 15% dos muçulmanos. Isso dá-lhe

uma influência externa limitada pois Estados muçulmanos com uma maioria de população xiita apenas se encontram no Iraque e no Bahrein (e este último com governantes sunitas). As minorias xiitas são, assim, o seu primeiro instrumento de amplificação da influência política externa. É fácil observar isso no caso Líbano, com o Hezbollah, na Síria, com os alauitas de Bashar al-Assad — um grupo heterodoxo reconfigurado como xiita —, e no Líbano, com os houthis, uma variante do xiismo diferente do iraniano, mas que permite, ainda assim, ao Irão, apresentar-se como seu defensor religioso-político.

4. Para além do carácter minoritário do seu ramo do islão xiita ser um entrave à sua influência e poder no mundo islâmico, há um segundo problema do Irão.

Num Médio Oriente onde as identidades étnicas também contam, e muito, em termos políticos (e as ideias seculares e de nação à ocidental têm pouca influência), ser um Estado com uma população maioritariamente persa, ou seja, etnicamente iraniana, é também um obstáculo. Na realidade, o maior grupo de Estados e de populações muçulmanas no Médio Oriente é árabe. Assim, no caso dos palestinianos, há claros factores identitários diferenciadores face ao Irão — que são também linhas políticas e de fractura maiores como já explicado: o ramo étnico (os palestinianos são árabes) e a variante religiosa (os palestinianos são largamente sunitas). Mas, pela sua tradicional popularidade entre os muçulmanos — e em especial no mundo árabe —, a causa palestiniana tem vindo a ser usada como uma acção estratégica fundamental para quebrar o isolamento iraniano face à maioria do mundo islâmico.

5. Tradicionalmente, o problema que a Palestina levantava ao Irão era ser dominada pela Fatah de Yasser Arafat (hoje chefiada por Mahmoud Abbas). A Fatah é uma organização política de libertação nacional da Palestina de perfil secular, hostil à estratégia de influência do Governo do Irão nos territórios palestinianos. Mais promissor revelou-se o Hamas, quando emergiu na década de 1980, levando islamismo radical, ainda que numa versão sunita, para a Palestina. Com o seu moto “Alá é o nosso objectivo, o Profeta é o nosso modelo, o Corão é a nossa constituição, a jihad é o nosso caminho” (artigo 8.º do Pacto do Movimento de Resistência Islâmica — Hamas) deu aos iranianos um instrumento externo útil.

Apesar dos altos e baixos da relação Irão-Hamas, a aposta está a ter resultados. O Irão enfrenta uma forte oposição dos árabes sunitas à sua influência no Médio Oriente e à ambição de se tornar uma potência nuclear (oficialmente apenas para fins civis). Mas o Hamas pode ser usado contra Israel, para retaliar os ataques feitos na sombra contra os seus interesses na Síria e programa nuclear. Todavia, há efeitos secundários. O apoio iraniano ao Hamas incentiva as lutas entre facções palestinianas (Hamas e Jihad Islâmica na Palestina contra Fatah). Pior ainda, tem um preço elevado para a generalidade dos palestinianos, pois há uma crescente perda de interesse e apoio internacional à sua causa.

6. Embora existam certamente outros factores de relevo aqui não tratados, como o desgaste que a insolubilidade do conflito provocou, não é exagero afirmar que o Irão

está a matar a causa palestiniana. Sob a presidência Mahmoud Ahmadinejad, o Irão procurou legitimar a sua ambição nuclear com uma agressiva retórica antijudaica, afirmando que “[o Estado de Israel deveria ser riscado do mapa](#)” e acrescentando que quem “[reconheça Israel arderá no fogo da fúria da nação islâmica](#)”.

Dezasseis anos depois das declarações bombásticas de Ahmadinejad, o reconhecimento de Israel aumentou entre os Estados árabes, alargando-se, do Egipto e da Jordânia, aos Emirados Árabes Unidos, ao Bahrein, ao Sudão e a Marrocos. A história deixa de novo um sabor amargo aos palestinianos. Quanto mais aumenta a influência do Irão no Médio Oriente e a sua ambição de ser potência nuclear, mais a lógica do “inimigo do meu inimigo é meu amigo” aproxima os árabes de Israel. Veremos se o actual episódio de violência ressuscitará a causa palestiniana.

P.S.: A propósito do problema palestiniano, estão a decorrer em Lisboa várias exposições ligadas ao [projecto \(un\)common ground](#), que “investiga a inscrição artística e cultural do conflito que opõe autóctones e colonos quanto à pertença, posse, controlo e poder no território de Israel/Palestina, constituindo o palco e objecto da disputa.” Vale a pena ver.

<https://www.publico.pt/2021/05/13/mundo/analise/irao-matar-causa-palestiniana-1962448>